

## Se Macabéa tivesse feito terapia... Considerações sobre a clínica daseinsanalítica.

Paulo Evangelista

### Resumo:

O objetivo deste trabalho é uma apresentação da daseinsanalyse a partir da compreensão da personagem Macabéa do livro *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. Para isso, parte de uma rápida introdução ao Dasein, para em seguida apresentar brevemente Macabéa. A terceira parte discute alguns aspectos da clínica daseinsanalítica, como a historicidade e a relação terapêutica, e de como ela poderia ter influenciado a vida dessa personagem.

**Palavras-chave:** Daseinsanalyse. Dasein. Lispector. Heidegger. Boss.

### Abstract:

The objective of this article is to present daseinsanalysis starting from the comprehension of the character Macabéa, from Clarice Lispector's book *A Hora da Estrela*. In order to do so, it begins with a quick introduction to Dasein, then briefly presents Macabéa. The third part is a discussion of some aspects of daseinsanalytical clinic – such as the therapeutic relationship and historicity – and how it could have influenced this character's life.

**Key-words:** Daseinsanalysis. Dasein. Lispector. Heidegger. Boss.

### Introdução

A daseinsanalyse é um modo de relação psicoterapêutica concebido pelo psiquiatra suíço Medard Boss a partir de seus contatos com o filósofo Martin Heidegger. É conhecida pelo público leigo por se opôr aos conceitos psicanalíticos, mas sem que fique claro por que. Nesse artigo, busco apresentar a daseinsanalyse como um modo de compreender o ser humano a partir de um ‘caso clínico’. Mas esse caso não é um paciente ‘real’. Trata-se da personagem Macabéa do livro *A Hora da Estrela* de Clarice Lispector. Como seria compreendida se fosse atendida por um daseinsanalista? A escolha de uma personagem ficcional possibilita aos leitores conhecerem-na partir de si mesmos e de seus próprios pressupostos teóricos, podendo assim chegar a conclusões diversas. Talvez assim o viés daseinsanalítico possa aparecer para o leitor.

O Dasein é ter-que-ser, isto é, seu ser não é pronto e acabado. Por isso ele é questão para si mesmo. E para Macabéa, como a existência é questão para ela? “Se tivesse a tolice de se perguntar ‘quem sou eu?’ cairia estatelada e em cheio no chão. É que ‘quem sou eu?’

provoca necessidade.” (LISPECTOR, 1998, p.15) Embora não pudesse formular essa pergunta, Macabéa respondia à sua incompletude simplesmente vivendo, como se determinasse que “já que sou, o jeito é ser” (LISPECTOR, 1998, p.33). Essa incompletude, o ter-que-ser próprio do Dasein, é diferente da plenitude de ser, “da massa compacta, grossa, preta e roliça” (LISPECTOR, 1998, p.55) de um rinoceronte, por exemplo. Nas palavras de Benedito Nunes (1995), que encontra com frequência nos livros de Clarice Lispector a presença de animais.

*O poder obscuro, nem sempre desagregador, que carregam – razão de sua presença ativa – é o testemunho permanente da plenitude ontológica: identidade sem fissuras, substancial, imune à inquietude da ‘consciência infeliz’ e que nos foi tirada. Movendo-se sempre no ‘ventre que os gerou’, os animais possuem a existência e o ser, sem descontinuidade. (p.132)*

Por serem dessa natureza, diferem do humano e causam-lhe estranhamento e fascínio.

Macabéa é Dasein. Sua facticidade em muito se aproxima da nossa. Somos singulares, mas também compartilhamos modos de ser. Em muito nos assemelhamos aos demais, e isso recebe o nome em *Ser e Tempo* de “impessoal”. (HEIDEGGER, 1998) Compartilhamos com os demais os modos de se relacionar com as coisas, com os outros e consigo mesmo. A singularidade de Macabéa é totalmente marcada por aspectos e modos comuns e compartilhados de existir. Muitos de seus traços são comuns a um povo, tanto que o narrador da história de Macabéa, Rodrigo S. M., encontra-se convocado a escrever porque: “É que numa rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina.” (LISPECTOR, 1998, p.12) A “moça nordestina” tem questões comuns aos “nordestinos”, como a imigração, a vida na cidade grande; às “moças”, como a virgindade, a relação com seu corpo, o querer namorar; e às pessoas em geral, como querer ser feliz e ter um destino. Compartilhamos as mesmas questões relativas a ter que ser. A perdição que Rodrigo S. M. captou no rosto da moça é algo que pode se dar na vida de todos nós.

O Dasein é a abertura para si mesmo, para outros e para as coisas. Por isso, pode vir a se conhecer e a conhecer os outros. O conhecer aqui referido não é necessariamente o saber teórico, mas o conhecer do estar situado numa situação fáctica, concreta, apontando para um futuro e tendo como anteparo as vivências passadas. Cada pessoa sabe sobre sua vida, mesmo que não pare para pensar a respeito. Há sentidos e destinos se dando, mesmo que não sejam percebidos por cada um. Que sentidos norteiam a vida de Macabéa? É uma descoberta que

poderia vir a se dar em terapia. Na nossa época, a terapia é um lugar privilegiado para essa investigação, mas não único.

Penso que a vida de Macabéa poderia ter acontecido de um jeito diferente daquele que se deu. Ela poderia ter adiado ou, quem sabe, até prescindido da visita à cartomante que lhe tornou “Uma pessoa grávida de futuro.” (LISPECTOR, 1998, p.79), mas que antecedeu seu fim. Macabéa era permeável às palavras que os outros lhe ofereciam, sobretudo se sentisse que eles se importavam com ela, como a cartomante. O poder transformador da fala, que sustenta a ‘hipótese’ da importância da terapia em sua vida, explicita-se também no modo como Macabéa saiu mobilizada do encontro com a cartomante. Ela “ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada. E mudada por palavras...” (LISPECTOR, 1998, p.79) O modo caloroso como a cartomante a recebeu a deixou “assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho.” (LISPECTOR, 1998, p.72) Poderia ter sido um terapeuta, ao invés de uma cartomante, quem tocasse Macabéa com suas palavras e a aproximasse de seu destino. Talvez seu fim tivesse sido outro. Como se sabe, ao atravessar a rua em frente à cartomante, ainda aturdida, foi atropelada.

## **I. Breve apresentação de Macabéa**

Há algumas situações narradas em *A Hora da Estrela* (LISPECTOR, 1998) que nos ajudam a caracterizar o modo de ser de Macabéa. Essas situações serão apenas indicadas aqui, ficando o convite ao leitor de que leia o livro de Clarice Lispector.

Macabéa veio do sertão de Alagoas para o Rio de Janeiro após sua tia, que a criara, falecer. Seus pais morreram quando ela ainda era muito pequena. Sobre a infância, “já não sabia mais ter tido pai e mãe, tinha esquecido o sabor.” (LISPECTOR, 1998, p.29) Seus nomes, esquecera. A preocupação maior de sua tia era de que Macabéa não se tornasse uma “vagabunda de rua”. (LISPECTOR, 1998, p.28) Macabéa era frequentemente castigada e não sabia por que, mas não perguntava. Sua tia não a deixava brincar com as outras crianças para que ajudasse com a faxina da casa. As cantigas de roda vez ou outra ela lembrava. Falava pouco por não ter o que dizer. Achava que nunca morreria, mesmo após a morte de sua tia.

No Rio de Janeiro, morava numa pensão dividindo um quarto perto do cais com outras quatro moças que trabalhavam como balconistas. Sua vida era marcada pela mesmice, a ponto de não se lembrar à noite o que fizera de manhã. Às vezes ia dormir sentindo fome e então mastigava papel. Acordava sem saber quem era, lembrando depois “com sou datilógrafa e

virgem, e gosto de coca-cola.” (LISPECTOR, 1998, p.36) Tinha enjô de comer desde que, quando criança, descobriu que havia comido gato frito. Sempre comia de pé num botequim de esquina. Em restaurante, nunca comera. Certa vez, viu num botequim um homem tão bonito que sentiu vontade de tê-lo em casa, mas desistiu da idéia imaginando que teria vergonha de comer na sua frente. É um modo de seu desejo se revelar, mas é imediatamente suplantado pela vergonha.

Fisicamente, tinha um corpo pequeno, raquítico, cara de tola, manchas na pele do rosto, que “em Alagoas chamavam-se panos, diziam que vinham do fígado” (LISPECTOR, 1998, p.27). Seu cheiro era “murrinhento” (LISPECTOR, 1998, p.27), mas nenhuma colega do quarto tinha coragem de contar isso a ela. Era virgem.

De noite, ouvia a Rádio Relógio. Essa rádio tocava “hora certa e cultura” (LISPECTOR, 1998, p.37), mas não música. Fazia sons de gotas caindo a cada minuto e preenchia os intervalos com comerciais, que ela gostava. Também lia anúncios recortados de jornais que colecionava e colava num álbum. Um desses anúncios era de um creme para pele, mas que lhe parecia “tão apetitoso que se tivesse dinheiro para comprá-lo (...) ela o comeria (...) às colheradas no pote mesmo.” (LISPECTOR, 1998, p.38)

Certa vez, seu chefe veio avisar-lhe que ela seria demitida pois errava demais na datilografia e borrava os papéis. Ficou atordoada. Sua reação foi de dizer “Me desculpe o aborrecimento” (LISPECTOR, 1998, p.25), como que intocada pela demissão. Só respondeu porque pensou que precisava responder qualquer coisa por respeito. Os sentimentos envolvidos nessa situação não aparecem para Macabéa. Ela não se sente ofendida, magoada, triste, nem aliviada, etc. Nenhum sentimento acompanha sua demissão. Após o episódio, foi ficar sozinha no banheiro, onde, olhando para o espelho, refletiu: “tão jovem e já com ferrugem.” (LISPECTOR, 1998, p.25) É uma reflexão reveladora de como se sente em relação a sua vida, mas que acaba por se perder.

Sentindo que precisava descansar um dia por dor nas costas, mentiu ao chefe que iria extrair um dente. Não teve que ir trabalhar e pôde ter o dia de folga, sozinha em seu quarto. Comemorou dançando e bebendo café quente.

Numa outra ocasião, conheceu Olímpico de Jesus, que viria a se tornar “a primeira espécie de namorado de sua vida” (LISPECTOR, 1998, p.43). Ao contar-lhe seu nome, ele respondeu que parecia nome de doença de pele. Ela, que pouco falava, se esforçava para preencher o silêncio que surgia durante os passeios. Diante de uma loja de ferragens, disse

que gostava muito de parafuso e prego, assim como outras vezes, quando ele reclamava que ela não falava, ela repetia as informações culturais que ouvia sem entender na Rádio Relógio. Sempre que se encontravam chovia, e Olímpico reclamava que ela “só sabe mesmo é chover” (LISPECTOR, 1998, p.44). Por não saber responder às perguntas que Macabéa lhe fazia, respondia grosseiramente que sabia a resposta mas não diria. Suas conversas “versavam sobre farinha, carne-de-sol, carne-seca, rapadura, melado” (LISPECTOR, 1998, p.47). Num outro passeio, após ficarem assistindo a um açougue, Olímpico disse que iria levá-la para mostrar sua força. Levantou-a, ao que ela comentou que viajar de avião devia ter a mesma sensação, mas não agüentou e ela caiu na lama, machucando o nariz. Macabéa logo disse: “Não se incomode, foi uma queda pequena.” (LISPECTOR, 1998, p.53) Não demonstrou sentimento algum. Ele, entretanto, ficou algumas semanas sem a procurar. Com ele, ela também foi ao zoológico. A corpulência do rinoceronte a deixou apavorada e fez com que urinasse na calça. Olímpico, que não reparava em Macabéa, não percebeu. A relação dos dois pouco parecia com um namoro. Logo terminou. Olímpico se apaixonou pela colega de trabalho de Macabéa, a Glória. Macabéa continuou inexpressiva enquanto Olímpico justificava o término: “Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer.” (LISPECTOR, 1998, p.60) Ela pôs-se a rir descontroladamente, sem saber o que estava sentindo ou por que estava rindo.

Dava-se alguns ‘luxos’: tomar café frio antes de dormir, ir ao cinema uma vez por mês, pintar as unhas de vermelho “grosseiramente escarlate” (LISPECTOR, 1998, p.36). Uma das alegrias de sua vida foi ter visto um arco-íris no cais do porto. Isso trouxe de volta uma lembrança feliz de ver fogos de artifício em sua infância e o desejo de vê-los novamente. Já a “única coisa belíssima na sua vida” (LISPECTOR, 1998, p.51) foi ouvir a música “Una Furtiva Lacrima”, cantada por Caruso, que fez com que lágrimas escorressem por seu rosto. A emoção que acompanhava essas lágrimas, no entanto, perdeu-se junto com elas. Tentou cantarolar a música para Olímpico, mas ele respondeu que ela parecia uma muda cantando, com “voz de cana rachada” (LISPECTOR, 1998, p.51).

## **II. Se Macabéa tivesse feito terapia**

Macabéa carece de acontecimentos. Nosso diagnóstico está apoiado no olhar daseinsanalítico, que tentarei caracterizar brevemente. No trabalho terapêutico daseinsanalítico, o diagnóstico da patologia é secundário. O paciente não é um exemplar de

uma categoria patológica, mas sim uma existência singular que compartilha com outras muitos modos de ser. Nesse sentido, é importante ter conhecimentos de psicopatologia, mas eles se limitam a referências.

‘Carência de acontecimentos’ não significa que nada aconteça na vida dessa pessoa, mas que o modo como ela está presente e situada nos acontecimentos é tal que 1) o sentido desses acontecimentos não se releva a ela, de modo que suas reações não correspondem ao que está acontecendo e 2) ela não se apropria desses acontecimentos como significativos em sua própria vida.

O que caracteriza o olhar daseinsanalítico? Primeiramente, nós partimos de algumas leituras dos livros de Heidegger, especialmente *Ser e Tempo* (1998). Isso não significa que estejamos nos apropriando da filosofia e das considerações ontológicas de Heidegger para nosso trabalho concreto, mas sim que seus escritos nos tocam e prefiguram nosso olhar de um determinado jeito para as coisas que vivenciamos. De modo que passamos a ouvir nossos pacientes tendo como fundamento a idéia de ser-no-mundo. Os hífen indicam a unidade desse fenômeno. Para nós, isso significa principalmente que não é uma consciência isolada que se dirige às coisas, mas sim que é sendo no mundo, isto é, na relação consigo mesmo, com os outros e com as coisas, que o paciente (e nós mesmos) é tal como é. Assim, a escuta clínica está voltada para perceber como é que o paciente se relaciona com essas três dimensões da tríplice abertura que é o Dasein. O que o paciente conta que acontece no seu dia a dia, seus sonhos, seus desejos, seus projetos, tudo isso é escutado à luz da pergunta sobre como o paciente vivencia esses aspectos.

A tríplice abertura é perpassada pelas dimensões da espacialidade e da temporalidade. Sob que proximidade ou distância as coisas e os outros se fazem presentes? E de que modos temporais? São acontecimentos marcados pela fugacidade ou por um demorar-se junto? Como ficam presentes na vida do paciente? São logo esquecidos ou se impõem como permanentes? De que modos esses aspectos se relacionam com projetos de vida do paciente? E como os projetos de vida se fazem presentes: como horizonte, como meta, como objetivo, como obrigação, como sina? Tudo isso é levado em conta.

O termo ‘mundo’ de ‘ser-no-mundo’ deve ser entendido como os contextos referenciais de sentido que articulam cada situação. E o termo ‘sentido’ nós entendemos do jeito que Heidegger o determina em *Ser e Tempo*: “Sentido é aquilo em que se sustenta a compreensibilidade de alguma coisa. Chamamos de sentido aquilo que pode articular-se na

abertura da compreensão.” (HEIDEGGER, 1998, p.204) É importante sublinhar que os sentidos não são atribuídos pelo homem, como costuma-se ouvir. Os sentidos estão dados de antemão e estruturam cada situação. Os sentidos que já estão dados na vida de alguém podem ser explicitados na “interpretação”. (HEIDEGGER, 1998, p.209) Daí podermos considerar a terapia um trabalho interpretativo. O terapeuta pode colaborar na explicitação dos contextos significativos da vida do paciente, nos quais ele já está imerso. Esse é um aspecto da terapia daseinsanalítica: pela interpretação, ela é desveladora de sentido. Nessa explicitação, o analisando ganha a possibilidade de se perguntar se essa articulação de sentido é a que melhor lhe corresponde.

Macabéa, entretanto, está imersa na significatividade de sua vida, mas é incapaz de se deter nessas tramas de sentido. E aqui temos que levar em conta o aspecto histórico do sentido. Pois os acontecimentos de nossa vida, esses que podem ter seus sentidos trazidos à luz pela interpretação, são também determinados por nossa história. O sentido está dado de antemão, articulando os sentidos das situações singulares, e é histórico. História não significa uma linha do tempo, passado-presente-futuro. Devemos nos remeter a Heidegger de novo para entender o que significa ‘História’ para alguém. Em *Ser e Tempo* (1998), Heidegger diferencia ‘historiografia’ de ‘história’. A primeira seria a compreensão dos eventos históricos, das datas, da linha do tempo. Também a ciência pensa a ‘história’ em termos da sucessão. Nas ciências naturais, o tempo é espacializado numa seqüência de ‘agoras’ indiferenciados. A causalidade só tem sentido dentro desse contexto, que não é o contexto humano. A história humana “chega, tem lugar no mundo na medida em que o existente se compreende a si mesmo como desafio do seu próprio destino.” (TROTIGNON, 1990, p.25) O homem é histórico no sentido de que, na sua vida, vivencia acontecimentos marcantes e determinantes de quem é. Loparic fala da ‘acontecencialidade’ humana. Pois o termo que Heidegger reserva para a história humana, existencial, é *Geschichte*, que vem de *geschehen*, acontecer. Nossa história é acontecimento. Nossa vida é o desdobramento entre nascimento e morte, é acolhimento do legado à nossa geração com vistas ao porvir. Esse ‘entre’ é que não vem pronto e que deve ser assumido. Macabéa o assume “vivendo à toa” (LISPECTOR, 1998, p.15), “inspirando e expirando, inspirando e expirando.” (LISPECTOR, 1998, p.23)

Ao caracterizarmos Macabéa como ‘carente de acontecimentos’, estamos também a caracterizando como ‘carente de história’. Pareceria um absurdo, dado que numa anamnese poderíamos determinar sua idade, as coisas que aconteceram na sua vida até o presente e listar

seus antecedentes. Aliás, no livro ficamos sabendo sobre o nascimento de Macabéa. Se ela viesse a apresentar essas informações em terapia, seriam tomadas como sinal de um novo envolvimento consigo mesma, pois sinalizariam um interesse por sua própria vida até então não visto. Sobre seu nome talvez ela contasse, como contou ao namorado, que até um ano de idade não tinha, pois não era esperado que sobrevivesse. Sua mãe fizera promessa à Nossa Senhora da Boa Morte, a protetora dos agonizantes, e ela ‘vingou’. O nome “Macabéa” remete ao Livro dos Macabeus, do Antigo Testamento, que narra o movimento de revolta contra a perseguição aos judeus que recusavam a assimilação do culto a Zeus no Templo de Jerusalém. Sobre a infância de Macabéa, conta-se que nascera raquítica, aos dois anos já havia perdido os pais e fora morar com uma tia beata que a batia para evitar que viesse a se tornar “uma dessas moças que em Maceió ficavam nas ruas de cigarro aceso esperando homem.” (LISPECTOR, 1998, p.28) Sua história poderia auxiliar o terapeuta na compreensão dos modos como Macabéa se relaciona com seu corpo, com a sexualidade, com os relacionamentos, etc., mas nunca ser interpretada como causa de seu jeito de ser. Os atos de Macabéa deixam claro o quanto ela não se deixa determinar por esse passado que, se fosse causa determinante, seria impossível a ela vir morar no Rio de Janeiro, manter-se no emprego ou namorar. Alguns de seus gestos parecem forçados, falsos, estereotipados, como se ela se mimetizasse gestos das pessoas à sua volta. Por exemplo, ela passa batom para aproveitar um dia de folga sozinha dentro de seu quarto. Passar batom em geral significa um cuidado consigo mesma e um esforço para embelezar-se para os outros, mas nela mostra-se um gesto exagerado e descontextualizado. O mesmo vale para a repetição das “informações culturais” que aprendia na Rádio Relógio para ter assunto enquanto passeava com seu namorado, como que “Imperador Carlos Magno era na terra dele chamado Carolus” e “que o único animal que não cruza com os filhos é o cavalo” (LISPECTOR, 1998, p.37). Note-se também que quando acordava contente (às vezes sonhava com sexo, ela que era virgem), “se sentia de propósito culpada e rezava mecanicamente três avemarias” (LISPECTOR, 1998, p.34). Gestos miméticos indicam o desejo de compartilhar o mundo comum, de ser como os outros, mas acusam a não-familiaridade com esses modos compartilhados de ser, característicos do “impessoal” heideggeriano, pelo qual “nos divertimos e entretemos como *impessoalmente* se faz; (...) também nos retiramos das ‘grandes multidões’ como *impessoalmente* se retira, achamos ‘revoltante’ o que *impessoalmente* se considera revoltante.” (HEIDEGGER, 1998, p.179). Enfim, o impessoal nos nivela.

Se Macabéa trabalha, passeia no zoológico, teve um namorado, conversa com sua colega de trabalho, por que afirmarmos que carece de acontecimentos? Como podemos ver, muita coisa acontece em sua vida. Mas a maneira como Macabéa está presente nesses acontecimentos faz com que eles não sejam vivenciados por ela de modo que possam se tornar marcas em sua vida. Acontecimento e história vivida são ligados. Termos história significa que no passado vivenciamos isso ou aquilo e hoje fazemos isto ou aquilo com vistas a que este ou aquele futuro desejado venha a se realizar. Os acontecimentos de nossa vida são as marcas a partir das quais nós nos reconhecemos e a partir das quais temos referências e elementos para pautar nossas escolhas e ações. Também são os acontecimentos que nos identificam para as demais pessoas. Mas como Macabéa possui os acontecimentos de sua vida? Ela não os tem. Ela esquece os nomes dos pais, pede desculpas por ser demitida, ri sem entender o motivo do riso quando o namorado termina com ela nem imagina que vai morrer. Sendo assim, é alguém sem história. E sendo sem história, os acontecimentos não são significativos, pois é à luz da história que algo pode se apresentar como impedimento, favorecimento, diversão, oportunidade, etc. Nem se sabe do que se gosta ou não gosta, pois isso também depende da história. Macabéa sabe apenas que gosta de Coca-Cola. Sem história, é tudo igual, tanto faz. Não há acontecimento. Não me parece fortuito que Macabéa fosse ouvinte da Rádio Relógio, “que dava ‘hora certa e cultura’, e nenhuma música, só pingava em som de gotas que caem – cada gota de minuto que passava.” (LISPECTOR, 1998, p.37) A rádio também tocava anúncios comerciais e informações que ela viria a usar para preencher os silêncios da falta de assunto com o namorado. De fato, ela não tem assunto pois carece de vivências que formariam um modo próprio de enxergar o mundo, que poderia vir a ser compartilhado através de comentários, opiniões, reflexões e sentimentos. Sendo sem história, a indiferença passa a reinar como modo de as coisas e os outros virem a seu encontro. Tanta indiferença, tanto tédio (que ela não sente), a ponto de aos domingos acordar “mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada”. (LISPECTOR, 1998, p.35) Não tendo história, não vive no tempo e assim não tem a morte como horizonte. A morte é o acontecimento que encerra o “entre” nascimento e morte; sem a morte, também o “entre” não existe.

Mas por que a vida de Macabéa teria ficado assim? Para considerar essa pergunta, precisamos levar em conta o conceito de “fenômeno”. É um conceito difícil pois é aquele que caracteriza a fenomenologia. Fenômeno é o surgimento significativo de algo como algo. Não significa necessariamente a presença objetiva do que se manifesta. Os sonhos, por exemplo,

são repletos de fenômenos, mas são presenças não palpáveis. A significatividade que caracteriza os fenômenos indica a relação com os contextos nos quais vêm a ser que determinam sob quais aspectos podem vir a ser. Um bom exemplo disso é a água, que dentro de um laboratório é H<sub>2</sub>O, dentro da igreja é benta e num dia quente é fresco. Quando perguntamos pelos acontecimentos na vida de alguém, estamos perguntando como é que essa pessoa se ‘fenomenaliza’, isto é, como ela aparece para os demais. Quem é o ‘fenômeno-Macabéa’?

No livro *Analítica do Sentido* (1996), Dulce Mara Critelli descreve o “movimento de realização do real” (p.69), que acompanha a trajetória do primeiro desvelamento de um fenômeno até que ele venha a ser interpretado como algo comum e familiar a todos. Ser “fenômeno” significa que algo foi retirado de ocultamento original e trazido à luz do mundo coletivo, vindo a tornar-se algo vivenciável por todos. O primeiro momento é o desvelamento, “quando é tirado de seu ocultamento por alguém, desocultado”. (CRITELLI, 1996, p.69) Isto se refere a qualquer acontecimento na vida de alguém, seja algo que se deu concretamente, um desejo, um sonho, uma descoberta, etc. Boss relaciona as diversas maneiras de presença dos entes: a presença sensorial, a presença presenciada (a farmácia à qual me dirijo), a presença em sonho e a presença de algo sonhado, a presença imaginada, as presenças temáticas e periféricas. São todos modos de desvelamento nos quais algo mostra-se como algo, isto é, surge iluminado por um contexto significativo que permite sua aparição. A demissão, o estranhamento diante do rinoceronte, o término do namoro, todos são fenômenos desvelados na vida de macabéa. Mas o desvelamento não é suficiente para que algo se torne um acontecimento na vida de alguém. É necessário que o desvelado seja revelado “Quando desocultado, esse algo é acolhido e expresso através de uma linguagem” (CRITELLI, 1996, p.69). O acontecimento por si só não se sustenta. Ele precisa ser trazido para a linguagem a fim de ganhar alguma permanência. Linguagem, em geral, significa ‘linguagem falada’, palavra. Mas não é só isso que pode expor o desvelado na revelação, pois um comportamento, uma atitude ou um sentimento em relação ao desvelado já o expressa. A “tristeza” é incapaz de mostrar-se a si mesmo, mas manifesta-se na expressão do rosto ou na lágrima do triste. Para Macabéa, a significatividade do término do namoro, que muito freqüentemente é um acontecimento triste, teria que ser investigada a partir do seu riso descontrolado a fim de ser acolhida e ‘fixada’ como um acontecimento triste em sua vida. Mas nem a tristeza pôde aparecer para ela. Na terapia, a maior parte do que surge vem na forma de palavra, mas os

outros modos também fazem parte da atenção do terapeuta. Mesmo em *Ser e Tempo* (1998), a proposição é derivada da interpretação. Dizer “o martelo é pesado” é posterior à descoberta do martelo na dificuldade do manuseio. Do mesmo modo, o jeito de se sentar, de andar, de olhar são também reveladores. Na terapia de Macabéa, penso que teriam sido determinantes, pois ela era alguém de poucas palavras. Neste momento de fenomenalização os fenômenos ganham consistência para serem acontecimentos na vida de alguém. Apenas enquanto revelados os acontecimentos podem ser contexto para o surgimento significativo de novos fenômenos. Mas mesmo isso não é suficiente para que um fenômeno se sustente. Tendo sido desvelado e revelado, é necessário que seja testemunhado. É o momento no qual tendo sido “*linguageado, algo é visto e ouvido por outros*” (CRITELLI, 1996, p.69). Aqui aparece a importância da co-existência. Pois o que foi desvelado por alguém precisa ser testemunhado por outros. Ser-no-mundo é ser-com-os-outros. Um acontecimento exclusivo da vida de alguém só pode tornar-se real quando é compartilhado. Se não for compartilhado e sustentado na desocultação por outros, o fenômeno pode facilmente voltar à ocultação. Macabéa vivencia isso em relação aos pais, cujos nomes ela esqueceu. Mesmo suas memórias de infância frequentemente são esquecidas. Com isso, é ela quem perde “realidade” e os acontecimentos que se dão em sua vida apresentam-se enevoados, inconsistentes, com significados frouxos ou descontextualizados que são logo esquecidos.

O próximo momento é o de veracização, no qual algo que foi testemunhado é “referendado como verdadeiro por sua relevância pública.” (CRITELLI, 1996, p.69) Com isso, um acontecimento que se deu na singularidade da vida de alguém ganha realidade. E ganha realidade também para aquele que desvelou primeiramente. Além disso, quando perguntamos “quem alguém é”, nossa resposta só pode se apoiar no que alguém realizou. Isso não significa que quem nós somos se identifique exclusivamente com o que fazemos. Aliás, é muito frequente que o que alguém faz pouco ou nada tenha a ver com essa pessoa e suas atividades são vivenciadas como esvaziadas de sentido. O “eu” não é uma entidade pronta. Pelo contrário, precisa ser ‘preenchido’ por cada um. O “eu” de Macabéa, quem ela é, só se torna acessível a partir daquilo que for veracizado de sua vida. Ela só é enquanto é compreendida como Macabéa. Daí a necessidade que temos dos outros para existirmos. É só com os outros que podemos nos tornar quem somos. Pois o Dasein é tarefa, é ter-que-ser. Não nasce pronto. Por isso precisa assumir-se como tarefa para se tornar ‘real’ e isso só acontece entre outras pessoas.

Daí nossa escuta da vida de Macabéa se volta para aqueles aspectos fundamentais do Dasein enquanto ser-no-mundo e a tríplice abertura para perguntarmos “quem são, como são os outros ao redor de Macabéa?” Poderíamos listar: houve sua tia já mencionada, e que quando Macabéa teve vontade de criar um bicho, respondeu que era mais uma boca para comer, de modo que ela passou a criar pulgas por não se considerar merecedora do amor de um cachorro; seu chefe, cuja brutalidade com ela parecia ser provocada pela cara de tola que tinha; o namorado que comentou que seu nome parecia doença de pele, disse que ela tinha cor de suja, sem rosto nem corpo para ser artista de cinema (o que ela mais queria na vida), que não percebeu quando ela fez xixi na calça pelo medo que lhe invadiu diante do rinoceronte no zoológico e cuja “única bondade com Macabéa foi dizer-lhe que arranjaría para ela emprego na metalúrgica quando fosse despedida” (LISPECTOR, 1998, p.58); sua colega de trabalho, Glória, que Macabéa considerava “um estardalhaço de existir” (LISPECTOR, 1998, p.61) e que lhe tomou o namorado, mas que tinha “um vago senso de maternidade” (LISPECTOR, 1998, p.64) em relação a ela e lhe dava analgésicos quando pedia; as quatro balconistas das Lojas Americanas com as quais dividia o quarto pequeno e apertado e que embalavam em sono mais profundo com a tosse seca de Macabéa. Seus pais, que ela freqüentemente nem lembrava que teve e que morreram pouco após seu nascimento. O modo como essas pessoas se relacionavam com Macabéa não significa que fossem exatamente dessa maneira. O que interessaria na escuta clínica da vida de Macabéa é o modo como ela percebe e se situa em relação a essas pessoas.

Quem dessas pessoas poderia compartilhar com Macabéa sua vida, oferecendo testemunho e “identidade” a ela? Quem olha para Macabéa? Quem poderia com Macabéa recolher os desvelamentos de sua vida, a fim de que se tornassem acontecimentos que demarcam quem ela é? Quem é Macabéa? Nem ela pode responder. Acordava sem saber quem era. “Só depois é que pensava com satisfação: sou datilógrafa e virgem, e gosto de coca-cola.” (LISPECTOR, 1998, p.36) Ela precisava se apegar a essas definições pois não dispunha da ‘realidade’ que advém do reconhecimento dos outros. É nesse sentido que eu penso que a presença de um terapeuta poderia ter sido benéfica para ela. Pois terapia é um modo de ‘fazer história’, isto é, de ser histórico.

O terapeuta é aquele que, perguntando pelos sentidos dos acontecimentos da vida de seu paciente, reúne-os sob uma história de vida que diz quem é esse que está diante dele. É quem recolhe os desejos, os sentimentos, os projetos e a história vivida a fim de que possam

se explicitar. É quem recolhe os fragmentos, os eventos dispersos no cotidiano e forma uma história. É quem percebe a grandiosidade de uma situação aparentemente banal, como Macabéa mentindo para conseguir um dia de folga. É quem consegue entender essa situação a partir do contexto da vida de quem o vivencia. Com isso, pode surgir a pergunta: este que se apresenta diante de nós é você? Este, que ‘carrega’ tais acontecimentos, é você? Pois ser sem acontecimentos, sem história, é não-ser. É no acolhimento do outro que nos tornamos alguém.

Heidegger escreve no ensaio *Logos* sobre o abrigar, que “é o primordial na essência estruturante da colheita” (HEIDEGGER, 2002, p.185). Colher, apanhar e juntar se co-pertencem. A colheita é mais do que isso, pois é também o recolher, o selecionar, o abrigar, o preservar e o conservar. (HEIDEGGER, 2002, p.185) O trabalho clínico tem um quê de recolher, ajuntar e abrigar os fragmentos, os acontecimentos esporádicos que dizem quem alguém é. E isso não só pela explicitação de sentido através da interpretação, pois o próprio convívio que se estabelece entre paciente e terapeuta pode ser origem de história. Essa relação é antes de mais nada uma relação humana, suscetível a todos os desdobramentos pertinentes a qualquer relação humana. Mesmo que a relação terapeuta-paciente apareça historiograficamente, isto é, na constatação do paciente de que vem à terapia há um ano, três anos, etc., a presença testemunhante do terapeuta encontra no convívio uma história do paciente, assim como o paciente pode encontrar nessa passagem do tempo cronológico indícios para os acontecimentos que o identificam. A própria terapia pode ser um acontecimento na vida de alguém.

Macabéa, porém, não teve sorte com suas relações humanas e não encontrou quem olhasse para ela desse jeito testemunhador. Por ter tido um mal-estar no fígado resolveu procurar um médico. Aparentemente, um chocolate-quente que Glória lhe pagou para compensar o ‘furto’ do namorado não lhe caiu bem. O leitor espera que um profissional da saúde possa ser mais atento e atencioso a Macabéa, mas o médico, que “era desatento e achava a pobreza uma coisa feia” (LISPECTOR, 1998, p.67), examinou-a e, apesar de perceber que ela não fazia regime para emagrecer, insistiu em dizer que ela não fizesse dieta de emagrecimento. Era “mais cômodo” para ele, pois “sabia que era assim mesmo e que ele era um médico de pobres” (LISPECTOR, 1998, p.67). Receitou a ela então um tônico que ela não comprou pois “achava que ir ao médico por si só já curava” (LISPECTOR, 1998, p.67). O médico também diagnosticou um princípio de tuberculose, mas ela não sabia o que era isso e nem ele explicou. Sobre a dieta de Macabéa, composta por cachorro-quente, sanduíche de

mortadela, café (em geral, frio) e refrigerante, disse que “é pura neurose e o que está precisando é de procurar um psicanalista!” (LISPECTOR, 1998, p.67)

Mas Macabéa acabou seguindo o conselho de Glória e foi à cartomante. E foi com a cartomante que Macabéa pôde vivenciar a maior consideração de alguém por ela em sua vida. A cartomante até lhe ofereceu café. Diante disso, “Macabéa sentou-se um pouco assustada porque faltavam-lhe antecedentes de tanto carinho. E bebeu, com cuidado pela própria frágil vida, o café frio e quase sem açúcar.” (LISPECTOR, 1998, p.72) Madame Carlota fez perguntas que considerariamos banais e irrelevantes a Macabéa, ao que ela respondia “sim senhora” ou “não senhora”, mas que já configuravam uma atenção inédita em relação a ela. Até que, com as cartas postas na mesa, disse a Macabéa: “Mas, Macabeazinha, que vida horrível a sua! Que meu amigo Jesus tenha dó de você, filhinha! Mas que horror!” (LISPECTOR, 1998, p.76). Essa constatação brotou das cartas, mas poderia ter sua origem nas poucas palavras e no jeito de ser que Macabéa traria para a terapia. Ao ouvir as palavras da cartomante, ela “empalideceu: nunca lhe ocorrera que sua vida fora tão ruim.” (LISPECTOR, 1998, p.76) Penso que esse mesmo espanto poderia ter se dado em terapia, mas de um jeito muito menos atordoante, porque cuidado, do que foi. Pois atento ao jeito de ser de Macabéa, a ruindade de sua vida teria sido recolhida durante muitas sessões. A cartomante acertou os fatos do passado de seu passado; a perda dos pais, a tia madrasta, a perda do namorado. Em seguida, deu-lhe a boa notícia de que sua vida iria mudar a partir do momento em que saísse de lá; receberia muito dinheiro trazido por um estrangeiro, Hans, com quem casaria. A atenção da cartomante em relação ao futuro de Macabéa lhe tocou. O olhar em direção ao futuro, e de um modo muito mais condizente com as possibilidades de cada um, é outro elemento da terapia. E é um olhar que foi desperto nela pela cartomante. Poder desejar algo para sua vida, poder pensar em seu futuro, é algo que ela não tinha e que poderia nascer na terapia. Em muitos momentos, a terapia é o ganhar tempo para que alguma possibilidade possa nascer. Um terapeuta poderia ter recolhido dela seus fragmentos e a devolvido como história a si mesma. História significa porvir, vir-a-ser. Talvez assim Macabéa tivesse buscado seu destino de outro modo e, quem sabe, seu fim teria sido outro.

#### Referências bibliográficas

BOSS, M. (1994) *Existential Foundations of Medicine & Psychology*. Trad. Conway, S. e Cleaves, A. New Jersey: Jason Aronson Inc.

CRITELLI, D.M. (1996) *Analítica do Sentido: Uma aproximação e interpretação fenomenológica do real*. São Paulo: EDUC/Brasiliense.

HEIDEGGER, M. (1998) *Ser e Tempo*. 2 volumes. Trad.: Marcia Cavalcante. Petrópolis: Editora Vozes.

HEIDEGGER, M. (2002) “Logos”, *Ensaio e Conferências*, Trad.: Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Editora Vozes. Pp.183-203

LISPECTOR, C. (1998) *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro: Rocco.

NUNES, B. (1995) *O Drama da Linguagem: Uma Leitura de Clarice Lispector*. 2ª edição. São Paulo: Atica.

TROTIGNON, P. (1990) *Heidegger*. (Coleção Biblioteca Básica de Filosofia). Trad.: Rodrigues, A.J. Lisboa: Edições 70.